



# SAPERE AUDE

Revista do Departamento de Filosofia



## Editorial

### Revista *Sapere Aude*. V. 4, n. 7, (2013) – DOSSIÊ DESCONSTRUÇÃO E ALTERIDADE: DIÁLOGOS COM JACQUES DERRIDA

Magda Guadalupe Santos\*

Não é façanha simples escrever sobre a filosofia de Jacques Derrida. Seus vários livros, suas distintas entrevistas e o conjunto diversificado de análises interpretativas ao seu redor, são a demonstração inicial do valor e da complexidade de sua obra. Sua interrogação sobre os *limites da filosofia* nos propicia aqui certo rumo a ser seguido, na apresentação deste dossiê dedicado a *Desconstrução e Alteridade*.

Como o filósofo nos diz em sua entrevista a Lucette Finas, publicada em *La Quinzaine littéraire*, em novembro de 1972, a interrogação acerca dos limites da filosofia, assim como sobre as possibilidades de se identificar uma margem para as análises textuais sobre a metafísica, tais questões nos remetem a uma ideia de transformação, àquilo que deve ser transformado. De fato, tal questionamento requer um novo olhar indagativo e esse olhar deve voltar-se para a própria noção de texto, para que novas leituras da história da filosofia possam ocorrer, para que algo se transforme. Indagar, pois, sobre o sentido e o conceito pressupõe que o espaço da *différance* seja investigado para além de determinações conceituais. Ao quebrar as “cadeias seculares” que deram sustentabilidade às representações do pensamento ocidental, com ênfase na filosofia de Hegel, o que Derrida

---

\* Professora do Departamento de Filosofia da PUCMINAS. Membro da Comissão Editorial Sapere Aude. PUCMINAS. Brasil.

entende por *différance* vem, justamente, desconstruir os valores e conceitos, palavras e significante e transformar o nosso entorno. Derrida nos ensinou a criticar a “ordem mesma do conceito”, para que certa fratura face ao real metafísico e homogêneo se explicita e possa ser “praticada efetivamente” e não se condense em específicas combinações semânticas, cujo código de conotação se arquiva apenas em teses universitárias.

Desta feita, o que Derrida nos propõe é um olhar aguçado sobre nossos dilemas institucionais e uma nova possibilidade de repensar nossos próprios sistemas de coerência de linguagem, de pensamento e que modulam tanto a Universidade, quanto o saber que dela emana e para ela sempre retorna. Se nossos textos e saberes se adaptam às normas institucionais estabelecidas ou se, de alguma forma, contribuem para desconstruir uma ordem imposta ou códigos de toda ordem em vigor, é preciso mesmo acreditar e tornar sempre possível que críticas discursivas possam nos remeter a um fora das normas codificadas, às feições heterogêneas do próprio saber, enfim, a uma alteridade absoluta em relação ao dado e instituído do saber e do questionar. Se a Filosofia sempre se propôs a perguntar sobre a *quiddidade* das coisas e ao seu redor uma longa tradição metafísica pôde ser instaurada, Derrida soube propor um corte ou uma não continuidade nos mesmos modos de pensar a própria filosofia. Se a lógica paradoxal dos acontecimentos que nos cercam deveria ser transposta por uma forma unitária de saber pensar, sua proposta em “desconstruir o sistema da presença, da origem, da arqueologia” e não apenas, como ele mesmo menciona, uma possibilidade de se pensar ou enunciar o acontecimento ou definir o que nos parece sóbrio e válido, mas não no sentido de uma nova definição, é porque novas formas de transgressão de linguagem filosófica então se apresentam e necessitam ser apresentadas.

Em Derrida, justamente a autoridade filosófica, que sempre se propôs subordinar a si mesma nas classificações e catalogações das questões ontológicas, torna-se objeto de deslocamento. E o filósofo nos leva a perceber o quanto um texto precisa de margens para atravessar a denominada *realidade metafísica* e apurar as relações de forças diferenciais e em conflito, sem que se aceite como inquestionável algum centro de presença ou de domínio, para que a escrita possa transformar, caminhar e se reconfigurar.

Acredito que tal delicado propósito é o que se tentou seguir e buscar no conjunto de textos que formam o dossiê *Desconstrução e Alteridade*. Pensado e elaborado sob as

margens da hospitalidade, dando-se asilo e acolhimento a todos os estrangeiros, repensando-se a dimensão humana em suas várias possibilidades, sem juízes para determinar uma língua oficial ou a língua do outro, é mesmo em nome das sutilezas da linguagem que esse dossiê se estabelece. Aliás, como bem aqui escreve Rafael Haddock-Lobo, a desconstrução do real “seria mostrar que a realidade é texto, é têxtil, é tecida” e “isso seria a postura de se manter no limite do texto”.

O que aqui se demonstrou sobre a *Desconstrução* foi sob as margens da hospitalidade. Mas, sobretudo, é em nome das relações dialógicas que amigos do *GT-Desconstrução* aqui participam, honrando esse dossiê com suas análises e propostas textuais. Seja por via das paixões da literatura em que se misturam, como nos diz Carla Rodrigues, *autonomia e heteronomia*, seja em busca de funções e de um lugar que a filosofia, a partir de Derrida, sempre surge como “estratégia de questionamento da tradição ético-política”. Seja também sobre o porvir das discussões estabelecidas com a tradição, afirmando-se as contradições, “fazendo a própria lógica tremer” (HADDOCK-LOBO), mas num conjunto de possibilidades de sentidos que vão se constituindo ao longo das tensões históricas, como menciona Marcelo Rangel, realmente, muito se pode aqui apreender e aprender.

Mas, é, sobretudo, pautado também no senso de amizade e de gratidão e honra, que esse dossiê se evidencia. Tanto nas margens das traduções, gentilmente cedidas por seus autores, Bingham e Burgos Díaz, quanto em função das entrevistas, a noção de leituras críticas se aguça. No texto de entrevista de Elizabeth Grosz, a revisão dos conceitos das e pelas teorias feministas realça o elo com a Filosofia de Derrida e seu impulso ao questionamento teórico e identitário. E, finalmente, na entrevista a nós concedida por Judith Butler, as ideias de mudanças e de diálogos, da relação entre vida e morte, entre honras e críticas, merecem aqui nossas considerações. Tal, como propõe Butler, vale sempre honrar Derrida mesmo quando com ele não se pode concordar. Mas de fato, não se pode deixar de dar razão a Butler, o mundo realmente passa a tomar um novo rumo a partir do pensamento de Derrida, ocasionando sempre novos pensamentos.

Nesse sentido, só temos mesmo a agradecer aos amigos da *Desconstrução*, pelas leituras fabulosos que aqui trouxeram para que possamos sempre realizar o intento de

*Sapere Aude*, para além de determinações iluministas, mas sempre críticos de nossas possibilidades.